

O caloiro, as remodelações empresariais e a incrível semelhança entre fados:

J. C. B.: «Ou fazes o que eu te digo, ou arranjas algo que venda, ou põe-te a andar que àquela porta estão mais 1500 tipos para esse lugar!». É isto com que lida um recém licenciado de comunicação social? Têm essa sensibilidade? Não digo que seja assim no DN, mas ainda não há muito tempo ouvi alguns jornalista com esta conversa...
[...]

Manuel Dias: Ali no jornal acho que não. Em termos de condicionar, de obrigarem as pessoas a fazer aquilo que alguém queria, no sentido da vontade da administração ou de haver alguém primeiro a dizer «o que eu quero é isto e tens de fazer assim» acho que não. Agora, há uma coisa que eu acho que condiciona mesmo que é a precariedade do trabalho. Eu nunca imaginei...

J. C. B.: Como é que foi quando o Manuel Dias começou?

Manuel Dias: Quando eu comecei a única limitação que havia em relação a uma pessoa arranjar emprego era não ter cumprido o serviço militar [...] Aqui à meia dúzia de anos atrás, nós no jornal pensávamos que era um escândalo o que acontecia no Correio da Manhã que era feito por estagiários! «Tinham pessoas a prazo!» Isto porque ali [no DN] não havia ninguém que não fosse do quadro, não é? E hoje, infelizmente, é um escândalo as condições em que se trabalha, mas não é ali é em toda a parte do país.

J. C. B.: Crise na imprensa, oferta brutal de mão-de-obra, uma relativamente recente experiência democrática no país, mercantilização desenfreada do produto jornalístico... Então agora dê-nos uma palavra de conforto perante este cenário. Conseguem encontrar?

Manuel Dias: Consigo! Se se fizer o melhor...(Pausa) E ainda falta aí uma coisa negra que é o baixo índice de literacia, porque eu acho que isso é que é realmente mais desastroso...

J. C. B.: Mas isso tem a ver um bocado com uma recente experiência

democrática. Suponho que também tenha algo a ver com isso, não é?

Manuel Dias: Sim, uma das consequências do regime em que se viveu também era essa. Apesar de tudo ainda há alguns leitores: a Capital anunciou que vai passar a ter uma edição também de manhã, não é? Portanto, é porque ainda há algum mercado. O que temos é que fazer o «produto» melhor ainda e, simultaneamente, ter o Estado ou não sei quem a formar leitores. Eu não te vou dizer que temos que deixar de ver televisão e cinema - acho que temos que ver televisão e ver cinema - agora também temos que ler. Não podemos é parar de ler. [...] Uma coisa escrita, uma pessoa reflecte sobre ela, leva-a consigo... Portanto, apesar de tudo, se a gente fizer um jornalismo de qualidade... Mas também passa pela escola.

J. C. B.: E não passará por haver um apoio efectivo ao estagiário? Lembrou-me de há não muito tempo ouvir o Carlos Pinto Coelho dizer que ele hoje vê jovens licenciados que têm um manancial incrível de potencialidades que se perdem depois de passarem pela lengalenga ameaçadora de que há mais 1500 como ele à porta e de que amanhã tem que apresentar uma coisa que venda...
[...]

Manuel Dias: Quando eu entrei para o jornal, entrei no primeiro grupo de pessoas que foram para ali por concurso. Foi antes do 25 de Abril, mas já havia uma certa abertura... Bom, e realmente, até o DN, que era a «chapa», o «cartão de apresentação» institucional do regime, fez um concurso e entraram três pessoas. Três estagiários para uma redacção que não tinha o corpo que tem agora porque havia muito menos trabalho, mas que já tinha 40 a 50 pessoas. Estávamos bem enquadrados, não havia o risco de sermos nós a chegar lá e a «tomarmos conta» da redacção. O que se passou aqui, sobretudo quando se tentou fazer a renovação da imagem cinzenta que o jornal tinha, foi diferente. Houve uma altura em que eu começava a entrar lá e que dizia «Boa Tarde» e «Bom Dia», mas nem sabia se eram pessoas que estavam a visitar o jornal ou se eram pessoas que trabalhavam lá, isto

porque entrou assim de uma assentada uma série de gente. As cabeças pensantes devem-se ter convencido de que as pessoas que tinham mais de 40 anos eram velhas e que tinham que se apressar a renovar... Eu não digo que isto tenha acontecido assim, mas foi como se tivesse acontecido uma coisa desse género. O que aconteceu é que ficaram meia dúzia de pessoas, velhos como eu (risos), e entrou uma grande levada de gente nova. E vou-vos dizer uma coisa, apesar de eu vir dessa escola do jornalismo em que as pessoas se faziam era ali a com sínteses e outras coisas mais, eu valorizo de uma forma extraordinária a formação universitária, a formação universitária, ou mesmo que a autoformação, mas o desenvolvimento das capacidades intelectuais, a aquisição de hábitos de trabalho... Isso é fundamental. É fundamental! Hoje em dia, muito mais do que no meu tempo, as pessoas têm desenvolvidas certas capacidades muito mais do que no meu tempo. Por exemplo, a capacidade de apreensão de nexos entre coisas. Vocês hoje lêem com uma facilidade que eu não leio: lêem na diagonal, encontram relações... Eu gosto muito de saborear, de mastigar. Humm!! Mas é claro, depois vocês lêem uma série de coisas e em só li duas. O que eu quero dizer é que valorizo imenso essa formação de base das universidades, agora, é evidente que há coisas, há conclusões a que uma pessoa pode chegar depois de ter cometido 10 erros se os cometer por si - do género: eh pá! devia ter puxado isto para o início da notícia e coisas assim - que eu, que trabalho há 20 anos nesta coisa, já lá cheguei. Portanto, se eu tivesse podido acompanhar a pessoa, juntávamos as duas coisas que era a capacidade que essa pessoa tem e aquela experiência... E este acompanhamento falta um bocado porque há muita gente... Entre eles há uns muito bons que conseguem ver as coisas e passam [...] mas se calhar às vezes ainda são capazes de cometer uma ou outra ingenuidade que não são graves dentro da globalidade do trabalho, mas que podiam ser evitadas.

J. C. B.: De certa forma, houve alguma substituição daquela experiência